

A COMUNA

SEMANARIO COMUNISTA ANARQUISTA

ANO IV — SÉRIE II

PREÇO \$20 — AFRICA \$25 — ESTRANGEIRO \$40

N.º 24 (114) — 26-8-923

Redactor principal:
António Teixeira
Editor:
António José d'Almeida

PROP. DO GRUPO EDITOR DE A COMUNA
RED. e ADM.: Rua do Sol, 131 — PORTO
CORR.: APARTADO 17 — PORTO

Administrador:
José Rodrigues Reboredo
Comp. e imp. na Tip. A INTERMEDIARIA, Porta do Sol, 23

A imprensa burguesa e a revolução

A imprensa burguesa e conservadora dêste desgraçado país, em vez de dedicar as suas colunas a um estudo aturado sobre a tríplice questão política, económica e social, outra coisa não tem feito senão fantasiar convulsões téticas, salpicadas de sangue quente das vítimas dos desvairados.

Descer ao fundo do problema, investigar as suas origens, denunciar os culpados da *débacle* e, no laboratório da ciência e da razão, da justiça e da verdade, preparar o remédio eficaz, tendente a levantar a espinhela ao actual corpo social que agoniza — é tarefa árdua a que não se devota.

Outra preocupação mais alta se alevanta, mais tentadora e mais lucrativa. A miséria do público, de um povo produtor, que é roubado na fábrica e no estabelecimento pela possante escamoteação dos monopólios, auxiliados pelos compadrios ministeriais — é tema por demais agitado; e nessa chateza arripiante não se quer esbodegar a capitalística e prostituta imprensa de balcão.

Quanto melhor não é, levando a sensação a todos os espíritos amantes do escândalo, erguer-se a densa poeira das campanhas contra determinadas empresas e companhias, até que os borrifos da choruda venalidade acalmem essas nuvens pulverulentas e volte tudo à pascassice dos cúmplices e grandes silêncios?

Quanto mais proveitoso não é, e a prática tem-no suficientemente demonstrado, atacar-se rabelosamente certa facção senhora do poder, para que ela, em vergonhosas transigências, conceda uma fatia do grão bôlo cozinhado no tesouro público?

E ao mesmo tempo que essa rameira das letras vai buzinando aos ouvidos dos grandes *trusts* o direito à sua cota parte dos lucros provenientes da venda do país — por outro lado vai traçando o gráfico, num fundo bem negro, do iminentíssimo perigo da Revolução...

Apavora-se, enerva-se, camaleona-se, raivosamente matraqueia as mandíbulas, na *persuasão* de que a nacionalidade seja rasgada a ferro e fogo pelas excessivas impetuosidades das agitações. Se é verdade que o autor de *Os Miseráveis* nos deixou dito que, se as revoluções maltratam o género humano, no entanto fazem-no caminhar, não é menos certo que a sabedoria das nações também explica que, quando as revoluções são eminentemente populares e profundas, tiram a mangedoura suculenta às *varas* parasitárias que só vivem para engordar à custa dos outros, desanicham dos seus covis misteriosos os facinoras que só congeminam planos para tyrannizar, para cair, em bandos, sobre as populações útilmente laboriosas...

O que particularmente sobressalta a imprensa mercenária, a pontos de nos últimos tempos mais impertinentemente titubiar o mesmo estribilho, de precalços — não é a revolta política de qualquer patrulha, de qualquer clientela, ansiosa de saciar os seus desejos aváros na gamela ministerial, empoleirando-se nas proeminências do poder. Não é tampouco o golpe fascista que se conspira nas sacristias, nos prostíbulos doirados, nos *chás* das terças ou sextas-feiras e nos meandros das colectividades económicas das forças do *olho-vivo* — onde os ricos vão dar o seu tenebroso *rendez-vous*...

Essa política de regressão é até defendida, com bastante entusiasmo, por ela.

O que atormenta, o que faz aflitivamente scismar a imprensa negociateira, é a revolução avançada, ou melhor: é o ajuste de contas feito pelas camadas proletárias e escravizadas, sacando os juro e o próprio que os seus sofrimentos de tantos anos martiriológicamente venceram...

A' fôrça de tanto se falar, apavoradamente, na *revindita* dos *bas-fonds* sociais, reconheceu-se que há crimes que a determinam, patifarias que a justificam, violências que a inspiram.

Na verdade, a imprensa mercantil, naqueles momentos lúcidos que, de quando em vez, a iluminam, lembra-se, com lócrates, que a *intemperança* e a *loucura* são *companheiras inseparáveis dos ricos*. Ora devido a essa intemperança e a essa loucura, os poderosos, os ricos, estão desprovidos, não duma metade, como o disse Cavour, mas de todas as ideias e sentimentos de género humano.

Há, sim, raras excepções constituídas por aqueles que se colocaram abertamente ao lado da Revolução Social — tais como Cafiero, Krapotkine, Bakounine, irmãos Reclus, etc., etc.

Que admira, pois, que as turbas, aviltadas pela tyrannia e exploração do Estado e todas as suas manifestações constituídas, queiram enfiar uma camisa de fôrças nesses endinheirados loucos que andam à solta devorando sôfregamente todo o património criado pelos trabalhadores dos campos e das cidades? Então deve permitir-se eternamente que a doidice dos modernos *cartagineses* da política, da finança, do comércio, da indústria e do sacerdócio continuem a jogar a liberdade e a felicidade humana no colossal pano verde das batatas, nacionais e internacionais, de todos os *trusts* da alimentação, do vestuário e do abrigo?

O proletariado, o oprimido

das fábricas, das oficinas, das minas, dos campos, enfim, de todas as actividades sociais indispensáveis à vida — não deve pensar assim, não vai pensando: à medida que a loucura e a intemperança vão acelerando as suas rapinas e os seus desbaratos, o juízo, a razão do povo esfomeado e torturado vai-se apurando com as lições dos acontecimentos — reconhecendo a necessidade de novos organismos económicos numa base federalista de acção livre; a necessidade da constituição de conselhos técnicos e revolucionários de fábricas e oficinas, de todos os ramos de produção e consumo, em suma; a necessidade de expropriação de todos os instrumentos de trabalho e riquezas sociais para a posse integral da humanidade produtora, que se deve acautelar de todos os escamoteios e usurpações de politécnicos falsamente revolucionários e libertários.

Temos muita pena, mesmo imensa pena, pelos malucos.

Mas não podemos estar sujeitos às suas maluquices, às suas bestialidades. Tentamos a sua cura por todos os processos psiquiátricos. Verifica-se a sua incurabilidade? Nada mais nos resta: arredá-los para longe, interná-los no túmulo do seu poderio derruído...

E' o que o povo consciente pretende; é o que a imprensa prostituída e mercantil alvoraçadamente não quer...

Pois tenha paciência: tem que ser, mais hoje, mais amanhã, quer barafuste, quer se cale de graça...

Nada mais absurdo que começar a ensinar uma criança, numa língua morta, quem foi Fábulo, rei dos Sabinos, o caso dos Gracos, e outros negócios duma nação extinta, deixando-o ao mesmo tempo sem saber o que é a chuva que o molha, como se faz o pão que come, e todas as outras coisas do Universo em que vive...

Eça de QUEIRÓS.

O TESTAMENTO DE JUNQUEIRO

Está publicado, enfim, o tão ansiado testamento de Guerra Junqueiro. A tal peça literária, científica e filosófica a que, pela boca dos seus perdigueiros, os jornais diários aludiram, não passou duma *blague pour épater...* os livres-pensadores. O testamento do Poeta, é a coisa mais simples que se conhece: dispõe, apenas daquilo a que ele chamava os *seus bens*, empregando a linguagem que é de uso e costume empregar-se em todos os testamentos. E mais nada.

Todavia, os reaccionários e os jesuítas de todos os matizes, desde o mais ignorado escorropicha-galhetas de qualquer capela ou igreja, até ao «mais maior de todos os filósofos dos tempos hodiernos» (?), o sr. Leonardo Coimbra, não se cansaram de urrar que, no seu testamento, Guerra Junqueiro fazia a sua profissão de fé católica, proibindo que, de futuro, se reimprimisse a *Velhice do Padre Eterno*, bem como outras coisas que atacassem a igreja.

Afinal, vê-se, agora, que tudo isso não passou duma especulação tórpe de criaturas ao serviço de Roma e da padralhada luzitana. No seu testamento, e segundo as palavras do periódico que lhe deu publicidade, Guerra Junqueiro «nada dispunha sobre a forma do seu entêrro, nem fazia qualquer profissão de fé». De modo que, tudo o que os parlapatódies nos disseram sobre a imaginária conversão do Poeta ao catolicismo ou ao catoliqueirismo, representou somente uma mancha de poeira atirada aos olhos dos ingênuos e dos desprevenidos, no intuito velhaco, estúpido e brutal de serem agradáveis à reacção, aos morcegos de sacristia e aos dignos filhos de Loiola, Torquemada e Arbués: os assassinos negros que a História nos apresenta...

A igreja católica teve sempre em mira especular com os despojos mortais daqueles que, em vida, conseguiram erguer-se, pelo seu talento, acima do vulgo. Já assim procedeu com Vitor Hugo; e Pascal também não lhe pôde resistir: morrendo *jansenista*, é grosseiramente apresentado como católico! Basta que um homem acredite num deus, embora esse deus se assemelhe a um tomate maduro, para a igreja católica vir logo afirmar: *é um dos nossos!*

Com Guerra Junqueiro deu-se o mesmo fenómeno. A igreja especulou com ele, disputando-o como um tigre disputa a sua presa. E, depois, teve a auxiliá-la — trágica ironia! — a própria família do Poeta que, sendo composta de jesuítas, não permitiu que ele falasse, nos últimos momentos da sua vida, com criaturas *desafectas* à igreja e aos padres. A alguns amigos que queriam despedir-se do Poeta, e que, ao que parece, não andam muito em dia com a religião, foi-lhes vedada a entrada na casa onde ele residia. E' que a família tinha medo que Guerra Junqueiro rompesse com o ambiente de hipocrisia que o asfixiava. E, assim, esse homem, sem ter deixado nenhuma disposição testamentária sobre tal assunto, lá foi enterrado catolicamente...

A reacção triunfou! Os imbecis que lhe andam a apanhar os *caídos*, rejubilaram. Se até o parvajola do Paulo Freire botou sonetinho a propósito, sonetinho que foi escrito com uma vassoira e longamente meditado nas horas silenciosas de *dar de corpo*!...

Mas, que desgraçado país é o nosso! A trôco dum bem-estar fictício, alguns homens, que deviam ter mais um bocadinho de senso comum, curvam-se reverentemente em face da igreja católica. E a igreja católica, é o grande mal! Do seu passado, como do seu presente, só pode apresentar horrores e calamidades.

Guerra Junqueiro combateu audaciosamente essa igreja. Mas combateu-a com consciência e com convicção. Os seus versos magistrais estão a comprovar o que afirmamos. Pois bem: essa igreja, combatida tenazmente, reduzida, por ele, a estêrco, a lama, a pó, *queria* uma reparação. E essa reparação seria, para gáudio dos ignorantes, o entêrro católico de Junqueiro!

Assim, o cerco que a igreja fez à família de Junqueiro, exactamente como os jogadores podem fazer o cerco a uma carta, ou a um número, deu-lhe os resultados que almejava. Depois de morto, Guerra Junqueiro foi erguido, como um espantalho, por essa concubina que, para vergonha da humanidade, se chama igreja-católica-romana. «Eis! — disse ela — a negação de tudo quanto

o Poeta escreveu. E, agora, esperem pelo testamento dêle!»

O testamento aí está à vista de toda-a-gente. Nêle não se diz nada sobre o entêrro, nem sobre profissões de fé. De maneira que, tudo o que se passou com o cadáver de Junqueiro, todas as afirmações do seu catolicismo que fizeram os *leonardos*, os *leonardinhos* e os *leonardões*, não constituíram senão especulações tórpes duma padralhada infame e duns sabujos que metem nêjo.

Ah! que se ele visse a chuchadeira de que foi alvo, e pudesse tornar à vida, escreveria, com certeza, uma segunda *Velhice*, para flagelar a garotada que chorou hipócritamente sobre o seu caixão.

Do que se sabe

TRÊS CASOS INTERESSANTES

Em *Nota Oficiosa* (estas *Notas* estão agora muito em moda), do Partido Comunista Português, lêmos num jornal revolucionário de Lisboa, este bocadinho que extraímos e oferecemos, pois retrata bem e define melhor, as táticas e aspirações de liberdade dum Partido, ou dos seus homens, que são, afinal, os seus *dirigentes*:

«O Comité Executivo declara desde já que está na firme disposição de aplicar com absoluta imparcialidade, mas sem tergiversações, todas as instruções e directivas indicadas pela I. C. em referência ao Partido Comunista Português».

Não discutamos este bocadinho, que é de ouro, para quem o souber apreciar, e digamos que na mesma ocasião lemos num jornal revolucionário francês a *Declaração dum Grupo de Anarquistas e de Anarco-Sindicalistas russos, aos Anarquistas do Mundo inteiro*, declaração com afirmações que, se não veem assinadas por 21, são firmadas por 9 homens que se dizem anarquistas e que teem a coragem de «afirmar que as correntes socialistas aderentes à Terceira Internacional aspiram conscientemente às formas superiores do socialismo livre, à mais alta expressão da existência socialista», e «constatam a identidade de ideias da Internacional Comunista com tudo o que o pensamento e a criação socialista teem produzido de melhor.»

A *Declaração* é longa e está cheia de afirmações falsas como essa que transcrevemos, tam falsas que, para o provar, basta que os leitores e camaradas conheçam o que transcrevemos dum jornal inglês que acabamos de receber:

«Nestor Makno está preso à ordem do governo polaco e vai breve ser julgado com a acusação de organizar levantamentos na Polónia, auxiliado pelo dinheiro dos bolxevistas. Ao mesmo tempo o governo bolxevista está pedindo a sua extradição à Polónia para o poder julgar pela sua chamada actividade contra-revolucionária na Rússia. Os nossos leitores devem recordar-se de que os bolxevistas, depois de terem aceito o seu auxílio para combater Wrangel na Criméa, rasgaram o tratado feito com ele, procurando prendê-lo, que, escapando-se das mãos dos bolxevistas foi cair na dos polacos.

Quando os nossos camaradas russos residentes em Londres souberam do seu próximo julgamento, resolveram organizar um comício de protesto, que se realizou em 27 de Julho p. p., no Mantle Maker Hall, no bairro White-chapel, sendo bastante concorrido. Falaram vários oradores, sendo aprovada uma moção por unanimidade, protestando contra a sua prisão e julgamento, e também contra a extradição para as mãos do governo russo, reclamando ao mesmo tempo a sua liberdade incondicional. Foram enviadas cópias desta resolução aos representantes em Londres dos governos da Polónia e da Rússia.

Realizaram-se também comícios de protesto noutros países, esperando-se que a publicidade dada ao caso fará deter as mãos assassinas dos reaccionários que procuram vingar-se deste intrépido lutador pela liberdade dos trabalhadores e dos camponeses da Ucrânia».

Os camaradas vêm bem, não é verdade? Num jornal de Lisboa descuidaram-se em declarar que obedecem às ordens de Moscóvia; num jornal francês, anarquistas (?) russos da força de alguns que *cá temos*, publicam uma longa *Declaração* com salamaleques e defesa dos actos do governo comunista; e no jornal inglês vê-se que anarquistas russos protestam contra os actos do seu governo que eles conhecem melhor do que aqueles que o defendem por razões particulares que só eles conhecem.

Afinal, três casos interessantes, que se aproximam, e que nos mostram a mentalidade e a subserviência de certas criaturas que nunca serão livres, pelo simples facto de impedirem que os outros o sejam.

M. H.

Confissão de Carlos Kautsky sobre a originalidade do Manifesto Comunista

Este trabalho do nosso camarada V. Tcherkesoff, foi publicado, pela primeira vez, em russo, no ano de 1907. Depois, foi editado em alemão. Ramus publicou-o também no seu Jahrbuch der Freien Generation, em 1914. Em português é desconhecido este estudo importantíssimo; e nós congratulamo-nos em oferecê-lo aos nossos leitores, na convicção de que ele não perdeu, nem perderá tam cedo, a sua actualidade. E, demais a mais, como agora nos surgem marxistas tam vastos como tortulhos, é bom ensinar-lhes alguma coisa das ideias originais de Carlos Marx...

I

Pela boca das figuras principais do marxismo ortodoxo, o «socialismo científico» acaba de confessar, finalmente, que as ideias que serviram de base ao *Manifesto Comunista*, não são grandes nem originais descobertas de Carlos Marx e de Frederico Engels, como, até agora, foi sustentado, defendido e afirmado pelo próprio Carlos Kautsky, por Augusto Bebel, etc.; e que essas ideias não passam de conceitos geralmente difundidos pelos socialistas franceses anteriores a 1848.

O mesmo «socialismo científico», confessou, igualmente, que as ideias principais desse documento «histórico» e atribuídas aos dois socialistas alemães, já se encontravam expressas no *Manifesto* do famoso fourierista Vitor Considerant, manifesto que foi publicado em 1843. Sobre esse manifesto, diz-nos Carlos Kautsky:

«Como ideias teóricas fundamentais, cita Artur Labriola uma série de passagens do manifesto de Vitor Considerant, passagens que se dirigem não só contra o novo feudalismo desenvolvido pela evolução da indústria, como contra os males da ordem social existente, males provenientes da livre concorrência e que levam, por um lado, ao empobrecimento das massas, e, por outro, à concentração dos capitais.»

E' sabido que a lenda socialdemocrática do «socialismo científico», se apoia, principalmente, nas pretensas descobertas das leis sociais que, sobretecnicamente, anunciaram, pela primeira vez, no ano de 1848, Carlos Marx e Frederico Engels, no seu célebre *Manifesto Co-*

munista. Graças a estas descobertas, o partido socialdemocrático sobrepôs-se aos outros partidos, visto que *apresentava* uma base «científica».

¿Como se conduzirá, agora, esse partido, especialmente depois da confissão dum dos seus marechais, isto é, depois da confissão voluntária dum dos sucessores e protectores das ideias e das descobertas de Marx e Engels?

...

O «socialismo científico, ou, mais exacto, o socialismo «alemão» não só rompeu com o socialismo da primeira metade do século passado, como também com o socialismo em geral, a quem declarou guerra de morte. Com a palavra de ordem — «as utopias», apreciaram os chefes socialdemocráticos alemães, de 1880, e, com eles, os marxistas russos, o influxo geral socialista dos owenistas, dos saint-simonianos, dos fourieristas e dos «populistas» russos, cujos fundamentos foram dados justamente pela influência de Tchernichewsky e pelas escolas socialistas, a que aludimos.

As reclamações que serviram de base a todas as escolas não científicas do socialismo foram estas: abolição do trabalho assalariado e da exploração dos trabalhadores pelos capitalistas e pelos donos das terras; entrega dos meios de produção às associações livres dos operários, e da terra às comunas e associações livres dos camponeses. Em harmonia com estes princípios, o «populismo» russo — *narodnichestvo* — chamou, nos princípios de 1860, o povo e os trabalhadores para se conseguir a realização prática daquelas formas de comunidade (socialismo), dentro das quais o trabalho seria executado em comum; e as comunas autónomas deveriam organizar, independentemente dos outros organismos, o aproveitamento da terra

e dos instrumentos de trabalho, das fábricas e das oficinas, sob a base da solidariedade e da igualdade.

Com Engels à frente, os socialdemocratas alemães declararam que todas estas reclamações e aspirações não eram mais do que pensamentos tórpes de criaturas ignorantes. E, estribados na sua nova «ciência», construída sobre as descobertas de Carlos Marx e de Frederico Engels, afirmaram que, primeiramente e em benefício da humanidade, os camponeses deviam perder completamente a terra, destruindo, para que isso constituísse um facto, as organizações camponesas russas, ou seja, as organizações do *Mir*.

Assim, e de acordo com a sua nova teoria, os socialdemocratas asseguravam que os cem milhões de camponeses russos deviam transformar-se em seres sem fortuna alguma, em jornalheiros sem um tecto para se abrigarem das intempéries, em criaturas que trabalhassem não em associações livres, mas em fábricas, em oficinas, nos campos dos poderosos e orgulhosos capitalistas. E esta classe desprezível dos camponeses devia executar, pelo menos, oito horas de trabalho por dia, pelas quais receberia um determinado salário... Quanto à organização de associações livres de trabalhadores com igualdade de direitos, disso só podiam falar os utopistas, os ignorantes, os anarquistas e demais inimigos da «consciência de classe do proletariado.»

Esta santa doutrina dum proletariado necessária e internacional em benefício da humanidade, foi pregada enérgica e sistematicamente por Engels, Kautsky, Plekanoff e outros ortodoxos da nova «ciência» chamada marxismo. E há mais de trinta anos que se faz propaganda disto; e as palavras «ciência» e «científico» perturbaram a simples e sã razão humana.

A tenebrosa e asfixiante reacção do militarismo alemão, que domina desde 1870; a reacção, em França, depois da queda da Comuna de Paris; o sistema opressivo e tirânico de Katkoff-Pobiedonozeff-Plewe, na Rússia — tudo isto concorda com o empobrecimento do povo e com a sua submissão; e todos estes fenómenos são «produtos necessários da evolução» que «levam, dum modo incessante ao socialismo». E Engels e os seus discípulos foram os profetas desta evolução... «da utopia à ciência».

Os utopistas, os «populistas» — *narodniki* — e especialmente os anarquistas, sentiam-se injuriados, vexados, nos seus sentimentos mais sagrados e mais íntimos. E, mais duma vez, formularam esta pergunta:

— ¿Em que é que se baseiam as desumanas exigências de que o camponês deve abismar-se cada vez mais na miséria, e de que os trabalhadores devem submeter-se, por um tempo interminado, ao capitalismo?

— Essas exigências — respondia pompósamente Frederico Engels — fundam-se nas nossas grandes descobertas; e nas grandiosíssimas descobertas dos nossos mestres — exclamavam, em cântico, Bebel, Kautsky, Plekanoff e outros jovens. E para nos fazerem engulir a pastilha, punham-se a relatar-nos essas descobertas...

VLADIMIR TCHERKESOFF.

Através das grades da prisão

Do fundo desta Bastilha, onde me encontro há algumas semanas, exteriorizo a minha revolta contra as prepotências dos tiranos, que, sem o mínimo escrúpulo, encarceraram, em prisões imundas, indivíduos por cometerem o nefando crime de pensar... E não podia deixar de manifestar, por este meio, o que em meu cérebro se reflecte acerca duma sociedade há muito condenada pela humanidade que pretende libertar-se do mal e da mentira.

Sinto pulsar-me o coração por um mundo novo, cujo advento põha termo ao sofrimento humano, derruindo os ergástulos da burguesia onde são encarcerados os que tem a ombridade de manifestar a sua revolta contra uma sociedade iníqua e pestilenta.

E' inegável que os povos caminham para o seu aperfeiçoamento integral. Afirmar o contrário, é fechar os olhos à verdade.

¿Para que amordaçar a voz da justiça? Para que sufocar a rebelião da plebe?

Podem encarcerar e assassinar os precursores do Bem; mas não conseguirão deter a marcha evolutiva dos princípios de redenção social. Porque as perseguições que a sociedade move contra os que pensam numa sociedade de Paz e Amor, só conseguem atear a chama que os ha-de destronar...

(Torre de S. Julião da Barra).

ALFREDO P. VAZ.

LITERATURA

O Recemnacido

... Antes do alvorecer, o ladrão achou, por fim, uma ocasião propícia. Fatigado, rendido, desanimado pelas longas correrias infrutíferas, encontrou-se nos jardins da praça Cavour, escuros e solitários como um cemitério. Sentou-se num banco impregnado de humidade, amaldiçoando a sua sorte e olhando os carros que marchavam lentamente, ao longe... Esperou algum tempo. Súbito, aparece-lhe um caminhar, cuja força não poderia ser muita. Ergueu-se, lançou-lhe as mãos ao pescoco e gritou-lhe:

— A bolsa ou a vida!...

O homem nem sequer se pôde rebelar contra ele. Suplicou-lhe, apenas:

— Não me mates!... Ai tens o meu relógio e a minha corrente; mas não me maltrates—peço-te.

— O relógio e a corrente não me bastam.

— São de ouro!—gemeu o roubado.

— Já te disse que não me bastam. Preciso de dinheiro. E, sem mais palavra, apontou-lhe à garganta uma navalha de ponta-e-mola.

— Espera... Ganhas alguma coisa em matar-me? Dar-te hei todo o dinheiro que levo... espera!

— Será melhor—ajuntou o gatuno.

Meteu-lhe as mãos nos bolsos, apressadamente. Tirou um lenço, uma chave, dois cigarros e uma carteira. Deu-lhe a chave e o lenço e despediu-o com todo o sangue frio.

— Vá à tua vida!... E não olhes para trás—acrescentou. Boa viagem...

A vítima fugiu como um lobo perseguido; e o gatuno, ansioso por saber o que a carteira continha, saltou a valeta que rodeia os jardins e internou-se numa recôndita avenida coberta de árvores para apreciar o recheio, sem medo de ser descoberto. A madrugada outonal apresentava-se tranquila e temperada; e o gatuno, acocorando-se, dispunha-se a abrir a carteira, quando, perto dele, a sombra duma mulher, que deslizava, de gatinhas, o fez tremer de espanto. E ela, assustando-se também, protestou, dirigindo-se a ele:

— Não me podes denunciar... Ainda estou aqui... não o ti-

nha abandonado!... Não me podes denunciar...

Numa pequena escavação do terreno divizava-se um vultozinho.

— Ah! miserável!—exclamou o ladrão, reprimindo a sua cólera. Aquilo é uma criança morta.

— Ainda está viva!—desse ela, pretendendo justificar-se.

— Quero vê-la.

— Não lhe toques... Dorme!

— Dorme?—interrogou o ladrão.

— Nasceu forte e linda. Conservei-a quatro dias entre algodão em rama, porque não me podia erguer do leito. Mas esta noite faltou-me a coragem para a matar.

— É querias enterrá-la viva?

— Não: queria confiá-la à sorte... Pensei:—Quem sabe se algum benfeitor a auxiliará?

— Mas... essa fossa... não a abriste para ela?... Mulher infame...

— Não, juro-te. Já a encontrei aberta, quando cá cheguei... E parecia que estava à espera da criança.

— É tinhas coragem para deixar esta criança aos rigores do tempo?

— Não me podes denunciar porque ainda não a tinha abandonado!

— É a criatura mais cruel do mundo; e as galés ainda constituem um castigo muito suave para o teu crime. Vem de aí...

E agarrou nela, como se fosse uma boneca.

A mulher não se defendeu; mas gritou-lhe, ameaçadoramente:

— Se me denuncias, mando-te prender por ladrão...

Imediatamente, como um relâmpago, o ladrão lhe retirou as mãos. Depois, perguntou-lhe com a maior tranquilidade:

— Viste-me?

— Entrei aqui pelo lado mais escuro. Vi-te sentado no banco e não quis fugir: supuz que fosses um polícia e a minha fuga ter-me-ia denunciado. Escondi-me atrás deste banco... Quando te levantas-te para surpreender aquele pobre homem, disse de mim para comigo: «é um gatuno; melhor um pouco». Então também me levantei. Enquanto roubavas, eu colocava a criança na cova. Não esperava que vieses por aqui... Mas, vê-se cla-

ramente que, como «pecadores», o diabo nos quer unir. Vieste para este sítio. Paciência. Nota, porém, que se tú não te calas eu também não me calarei. Iremos juntos para a cadeia.

— Tens razão! Mas, julgas lá que, porque roubo, expondo a minha vida para manter a minha esposa, que é honrada, sou a mesma coisa que tú, capaz de sepultur, vivo, o teu próprio filho?

— Eu não tenho ninguém que pense em mim: nem pai, nem marido, nem um irmão, nem um amante. O que me possuiu à força, morreu. Trabalho sem descanso para sustentar minha mãe e para mim. Se alguém soubesse que tive um filho, escarrar-me-ia no rosto, e eu nunca mais arranjaría trabalho. Além disso, como é que eu o poderia criar? Sou bastante doente; a parteira advertiu-me de que qualquer imprudência, me mataria. E se eu morrer, que será de minha mãe que está parálitica?

— Ah! exclamou o gatuno, um pouco comovido. Neste mundo, as coisas nem sempre correm à medida dos nossos desejos... Anda sempre tudo ao contrário... mas...

Tirou o boné, coçou a cabeça e reflectiu. Depois, inclinou-se sobre a fossa e pegou cuidadosamente no embrulho. A cabecita da criança ficou descoberta; tinha os olhos cerrados e os lábios um pouquinho abertos. Colocou o ouvido no peito do pequerrucho. E sentindo que ele respirava, disse:

— Não está morto... Respira.

Pôs-se em pé. Abriu a carteira e contou as notas que ela continha. Deveu-se um momento, como que a reflectir. Ao cabo duns minutos, murmurou:

— Está bem!

Olhou para a mulher e disse-lhe sêcamente:

— Vai-te embora e não queiras saber de mais nada...

— É que pensas fazer?—balbuciou a mulher em voz baixa e trêmula.

— Vou levá-lo para minha casa—respondeu o gatuno. Estará ali melhor do que se fosse enterrado vivo. Este dinheiro chega para lhe procurar uma ama; e a minha mulher disporá do resto... Demais, ela daria os próprios olhos para ter um filho; e sempre se exalta comigo, quando lhe digo que as coisas saem sempre ao contrário daquilo que nós desejamos. Este rapazinho não é filho dela; mas é um presente que lhe faço... Tem-se afligido tantas vezes quando me diz que, pelo menos, queria criar um filho

de pais incógnitos... E assim que ela ouvir chamar-lhe mamã, ficará contente de veras.

Abaixou-se novamente e pegou na criança. E como a mulher o contemplasse de perto, com a fisionomia sinistramente atômica, o gatuno disse-lhe:

Então? É Vais-te embora ou não?

— Vou—respondeu ela por fim.

— Pois, nesse caso, é andar. E lembra-te que não nos conhecemos. Compreendes?

— Compreendo.

— Bem: retira-te e não queiras mais saber da criança que me fica entregue...

— A mulher retirou-se, sem olhar para trás. O ladrão beijou ternecidamente a fronte da criança e desapareceu, em direcção a sua casa...

ROBERTO BRACCO.

ANTOLOGIA

Comunas e Estado

Basta de meios termos: a Comuna ou ha-de ser soberana ou sucursal—tudo ou nada. Apresentai-a, pois, como quiserdes: desde o momento que ela não gose do seu direito próprio, que seja obrigada a reconhecer uma lei vinda de mais alto, que o grupo de que ela faz parte se lhe declare superior e não a base das suas relações federals, é inevitável que um dia ou outro a Comuna se encontre em contradicção com esse grupo, estalando, por isso, o conflito. Ora desde que haja conflito, a lógica e a força querem que seja o Poder central quem vença o pleito, e isso sem discussão, sem julgamento, sem transacção—uma espécie de discussão entre superior e subalterno, discussão escandalosa, inadmissível. Assim, voltamos sempre, e após um período de agitação mais ou menos longo, à negação do espirito regional, à absorpção da Comuna pelo centro.

A idea de um limite de Estado pelos grupos, mas onde reine o principio da subordinação e da centralização dos próprios grupos, é, pois, uma inconseqüência, para não dizer uma contradicção. O Estado não tem outro limite além daquele a que voluntariamente se impõe, abandonando a iniciativa municipal e individual certas coisas de que provisoriamente não se ocupa. Mas, surgindo o dia em que se crê reivindicar, como sendo do seu dominio, as coisas que tinha destacado do seu principio, não hesita—reclama-as com toda a força dos seus órgãos. E se é forçado a recorrer aos tribunals, ganha sempre a partida, porque tem pelo lado não só a razão como a lógica...

(1869)

PEDRO J. PROUDHON.

MOSCOU OU BERLIM?

**A todos os militantes e não militantes da
organização operária; a todos os leitores de
A COMUNA, anarquistas ou não anarquistas**

Mas nós, que somos anarquistas, devemos ficar anarquistas, e agir como anarquistas antes, durante e depois da revolução.

ERRICO MALATESTA.

Os nossos amigos dos 21 pontos moscovitas não-de certamente estranhar que nós vinhadamente frizemos os sucessos sangrentos de Cronstadt. E, todavia, se raciocinarmos um pouco, chegaremos à conclusão de que há fortes motivos para a *impertinência*...

Passados 52 estirados anos retalhados por mil e um acontecimentos, ¿ não nos recordamos ainda, com horror e com indignação a trasbordar-nos a alma, da *fulgurante* tragédia da Comuna de Paris? ¿ Não sentimos ainda em nós a acumulação de todo um ódio formidável contra o miserável Thiers e sua camarilha de Versailles, que mongôlicamente massacraram os 35 mil comunistas de encontro aos muros de Père Lachaise? ¿ Dessa página sangrenta da história revolucionária dos povos não tiramos ainda hoje lições proveitosíssimas?

¿ Porque não havemos, com mais propriedade, de nos referir à Comuna de Cronstadt, que é um recentíssimo e vivo exemplo a deslumbrar-nos a vista? ¿ Porque não havemos, com mais razão, de exprimir o nosso ódio contra os modernos Thiers e suas camarilhas de Moscú e Petrogrado, que mongôlicamente também massacraram, com toda a impiedade, mais de 14 mil homens que ousaram defender os princípios da Revolução Russa, insurgindo-se contra a traição dum partido—ou dos chefes desse partido—que se aproveitou dessa revolução para escalar o poder e impôr as suas tzaristas vontades?

Já sabemos, já sabemos: os 21 preopinantes do manifesto veem-nos falar, como a Rosta Wien, que os marinheiros e os operários de Cronstadt operaram de acordo com o general Kozlovski e Wrangel; que eram contra-revolucionários.

Tôdas as informações oficiais de qualquer governo deturpam,

propositadamente, todos os factos e intenções, para despertar todo o odioso sobre os revolucionários. Nós, segundo os nossos governos republicanos, temos sido monárquicos uma infinidade de vezes. E quando dizemos nós, queremos dizer o operariado, a que pertencemos.

Mas como o véu se foi levantando, como a verdade se foi sobressaindo com toda a nitidez, então foi-se preparando outras desculpas, porque as calúnias não pagaram.

O *Pravda*, de Moscú, muito veladamente nos disse que «a revolta não tinha por fim imediato a queda do governo soviético».

Antes pelo contrário, a revolta tinha por fim fortalecer o governo dos soviets, mas o verdadeiro governo dos soviets e não o governo de um partido que, segundo Serrati, fecha todos os olhos à especulação.

«É bastante difícil explicar com rapidez como tal facto pôde ter lugar. Di-lo-hei um dia: por hoje basta afirmar que ele existe e que contra esta notável e gravíssima especulação o governo comunista não toma nenhuma providência, talvez porque não pode e, provavelmente, *também porque não quer*».

«Mas ¿ que acumulam, então, tais especuladores? Papel moeda. O mesmo é que dizer, papel, simples papel, nada mais do que papel...»

Até parece que se trata de Portugal...

No entanto, Serrati, esse antigo director do *Avanti!*, — espécie de órgão oficioso do governo bolhevista — que agora, ao que se diz, anda piruetando, alimentou as esperanças de que «quando a Rússia revolucionária tivesse «despedaçado o círculo de ferro que a aperta e esfomeia, quando o exército vermelho» pudesse «depôr as armas», os especuladores veriam o benefício que lhes «trouxe o ganho ladravaz expresso

nêsse papel e realizado em mercados criminosos» — consentidos pelo triumvirato Lénine-Trotsky-Zinovieff. «O regime bolhevista — disse o mesmo Serrati — pode fechar os olhos; mas não para dormir, certamente...»

Que não dorme, provam-no os factos.

Apesar do círculo de ferro terminar; apesar de todas as boas negociações com a Inglaterra, América, etc., se fazerem com maestria — o exército vermelho não depõe as armas, porque a guarda vermelha aumentou, como a nossa guarda republicana tem aumentado consideravelmente; os especuladores continuam, a burguesia vai-se reconciliando com os bolxevistas, e o proletariado e os camponeses, são desalojados, por assim dizer, dos soviets, dos conselhos de fábricas, dos conselhos de armazens, dos seus sindicatos autónomos, porque tudo isso tem de ser oficial, subordinado, controlado pelo governo léninico, sob pena de cair em cima a espada da *tcheca*, à qual pertencem os melhores polícias da antiga *secreta* tzarista... As esperanças de Serrati foram-se; e como Petrogrado e Cronstadt quizessem que elas se realizassem, apresentando as suas reclamações, deu-se aquele estupendo fenómeno *comunista* que no número passado foi publicado.

E depois de mais aquele massacre, de libertada a Rússia dos mais terríveis *contra-revolucionários*, que antes tinham sido a fina flor da Revolução, ainda há aluviões de tiranizados que conclamam:

«Assaltaram-nos, dispersaram-nos, declararam-nos espíões dos estrangeiros inimigos da Rússia, — como em Julho os bolxevistas foram acusados de espíões de Hohenzollerne — proibiram-nos a água e o lume; a imprensa democrática (que neste caso é a bolhevista) cobriu-nos de uma montanha de calúnias; porém, nós nossos retiros e nos nossos cárceres sentimo-nos vencedores e donos da situação».

Servimo-nos das próprias frases de Trotsky que pintaram as agruras dos seus correligionários quando estavam na oposição.

E agora, que estão no poder, aquelas frases ainda estão de pé, embora adequadas a outros mártires.

Todavia, nesta situação terrível para o movimento revolucionário russo, que quer fazer ir o carro da Revolução para a frente; «nesta dinâmica predestinada da Revolução; nesta

geometria política...» libertária, «reside a *mais alta poesia*».

«Exangue, mas não vencida, a Revolução sobrevive no ódio surdo dos operários esmagados, desorganizados, nos seus bairros sombrios, nas suas aldeias»; «sobrevive na consciência clara de uma velha guarda...» avançada de revolucionários «que o desastre não destruiu. Os antigos sabem ter conta deste passado, sabem analisá-lo, apreciá-lo; encontram novos pontos de apoio, definem a linha geral do movimento e fixam a direcção...»

Se os 21 nos dão licença de parafrasear os ditos de Trotsky, que tam bem se quadram ao momento que passa na Rússia comunista...

SESSÃO SOLENE

É hoje que, pelas 16 horas, a Associação de Classe dos Litógrafos, sita à rua Fernão de Magalhães, 49 1.º, realiza uma sessão solene para comemorar o 24.º aniversário da sua fundação.

Apointamentos...

É sabido que a famosa Sociedade das Nações não corresponde a nenhum valor moral, social ou económico, na chamada política internacional. Constituinte uma excrescência da estúpida e mortífera guerra europeia — esse crime monstruoso que passou à História com esta denominação indelével: *a mais formidável loucura da megalomania, das sórdidas ambições e dos altos interesses da casta parasitária e política*, a Sociedade das Nações não é, na prática, e segundo a opinião do jornal comunista *La Antorcha*, senão «um prolongamento do ministério dos «negócios estrangeiros de «França, e um viveiro de «explêndidos ordenados para «alguns privilegiados socialistas e burgueses».

Do facto, assim é. Esse organismo ainda não fez nada de geito. Engendrado pela casta burguesa e pelos políticos das mais variadas facções, destina-se unicamente a publicar umas coisas, a dar a sua assnática opinião sobre outras, a transmitir, enfim, ao papel, conselhos e opinanças, tudo em harmonia com a velha e carcomida moral da burguesia ociosa e ladravaz. Ora isto, está fora da época.

Apesar da inutilidade, e até da nocividade deste organismo, gasta-se com ele rios de dinheiro. Assim, comenta *La Antorcha*, «tomando por base a conversão de francos suíços em francos franceses, à razão de 275, câmbio médio em Janeiro do ano corrente, resulta que, com esta Sociedade, já se gastaram 68.557.897 francos, divididos da seguinte forma: — «Secretariado Geral e comités anexos, 40.866.501,50; «Tribunal de Justiça internacional, 5.170.000; «Secretaria internacional do Trabalho, 22.531.395 50.

«E' claro que, para se explicar umas despesas tam fabulosas num organismo em que, relativamente, o pessoal é pouco numeroso, é preciso ter em linha de conta que um Secretário geral ganha 7.500 libras esterlinas por ano; que um secretário adjunto, ganha, 270.000 francos; que os directores de serviços se contentam com 450.000 francos cada um; que os chefes de gabinete, vencem de 72.000 a 82.000 francos; e que os dactilógrafos percebem de 15 a 30.000 francos.»

E conclui o referido jornal: «Em Espanha, Fabra Ribas, que conhece muito bem estes magníficos honorários, aspira a gosar deles. A isto ficou, pois, reduzido, todo aquele extenso programa de democracia internacional que o capitalismo aliado prometeu durante a guerra.»

Conclusão lógica: a tam famosa Sociedade das Nações é um viveiro de explêndidos ordenados para alguns privilegiados socialistas e burgueses; e para acabar com ela, só há um meio: correr tudo aquilo à biqueira da bota.

O que, diga-se o que disser, já não é sem tempo...

PEDRO GUIMARÃES.

CORREIO DE "A COMUNA"

PORTO — Manuel Teixeira. Recebemos 2\$00. — Joaquim Gomes da Costa. Recebemos 2\$00.

ALDEGALFA — António Joaquim Dias. Recebem 50\$00.

LISBOA — António Leão. Precisamos que indique a sua nova morada. José Joaquim da Costa. Indique também a sua nova morada.

PIAS (LOUZADA) — José Ribeiro da Silva. Recebemos 5\$00.

O exército

(Do livro de Maurício,
«No país dos Sovietes».)

Estava prêso, quando se realizou a grande revista oferecida aos delegados da *Terceira Internacional*. Conheci-a somente pelas discussões apaixonadas havidas muitas vezes entre Raimundo Lefebvre e Lepetit.

— E' admirável, dizia Lefebvre.
— E' abominável, dizia Lepetit.

E ambos invocavam a minha opinião.

— «Um desfile que durou cinco horas, dizia Lefebvre, o desfilar dum exército moderno, ordenado e disciplinado. A ordem, o método e a força. O proletariado anti-militarista formando, pelo génio dos seus chefes e pela sua própria vontade, um exército vermelho de cinco milhões de homens, equipado, armado à moderna, pronto para defender com todo o seu poder as conquistas da revolução. Eis o que nós vimos, e eis o que eu acho admirável.

— Um desfile que durou cinco horas, dizia Lepetit, o desfile dum exército moderno com os seus oficiais superiores e inferiores, com as suas bandeiras e a sua disciplina; o proletariado sórdido, mais militarizado, alistado pelos seus «gardes-chiourme» (guardas de presidiários). As saudações militares, o passo de parada e a «ordem da bandeira vermelha». Não o povo em armas que se levanta para defender as suas conquistas, mas o militarismo que renasce; a casta militar que, de novo, se afirma e domina; o espírito de caserna que castiga. Uma revista de 14 de Julho em honra dos embaixadores, que nós somos. Eis o que nós vimos, e eis o que eu acho abominável.»

Assim falavam os meus dois camaradas. Quem tinha razão? E' evidente, que para defender a revolução, era preciso um exército; e disse noutra parte o exército extraordinário realizado por Trotski para dotar a república dos soviets com um exército vermelho, capaz de resistir às invasões. Pode existir realmente um exército moderno sem disciplina? Eu não o julgo.

Por outro lado, é igualmente evidente que todas as reformas obtidas pela revolução de Outubro: soviets de soldados, eleição de oficiais, voluntariado, desapareceram a pouco-e-pouco.

Restabeleceram-se as saudações aos oficiais, a subordinação absoluta às ordens superiores, e criou-se mesmo a ordem da bandeira vermelha para re-

compensar os serviços extraordinários, o que é realmente pouco comunista.

O serviço militar obrigatório, a instrução militar obrigatória dos oito aos dezoito anos, um Código militar contra a insubmissão, a deserção e a indisciplina, tam severo como o Código militar de qualquer nação capitalista, tudo isso é próprio para fazer renascer o receio do restabelecimento duma casta militar profissional e o espírito militarista.

Observei este temor não só em Lepetit, mas também em comunistas conhecidos.

Assisti a duas manifestações militares.

A primeira era uma festa em honra da nova promoção de comandantes vermelhos, no campo do «Cuco vermelho», nos arrabaldes de Moscovia.

Era uma festa militar como todas as festas militares; os novos oficiais tinham uma aparência e uma disciplina semelhante à dos «promovidos de Saint-Cyr». A única diferença era que em vez de tocarem a Marselhesa, as músicas tocavam a Internacional. Muitos discursos foram pronunciados. Eu retive o de Sadoul:

«Camaradas, — disse êle em substância — vós sois soldados como todos os soldados, e vós sois chefes como todos os chefes; vós recebereis ordens, que serão executadas sem discussão; vós dareis ordens, de qu será preciso exigir a execução. Mas vós não sois um exército de pretorianos; vós não sois os soldados de César; vós sois o exército da revolução.

«Foi para servir o proletariado, e não as visões ambiciosas dum Napoleão, que vós aprendestes a profissão das armas.

«Tenho muitas vezes, ouvido em volta de mim, exprimir o receio, de que possais tornar-vos uma potência de opressão na mão dalguns; mas isso não pode ser. Tenho confiança em vós. Vós sois os filhos da revolução; e foi unicamente para a servir, que vós envergastes o uniforme.»

Este discurso tinha-me impressionado. Eu pensava nele durante o lunch, que nos foi oferecido; e a festa que se seguiu não foi própria para apagar as palavras de Sadoul: os alunos oficiais vestidos de actores, representavam entre-actos nos quais eram ridicularizados Koltchak e Wrangel, mas onde também se exaltavam as virtudes militares, o espírito de disciplina, a obediência cega e o respeito absoluto aos chefes.

E, nas carruagens que nos conduziam aos solavancos pelos campos incultos, sob a luz pálida da lua, na paisagem fantasmagórica, eu tinha não sei que visão do exército revolucionário tornando-se, como todos os exércitos, uma força para assegurar, certamente, a integridade das fronteiras e a segurança do território, mas também, e sobretudo, para matar o povo, e fazê-lo entrar a bem ou à força na «ordem» estabelecida pelos ditadores...

Era na praça Vermelha, num dia de outubro. Trotski devia passar revista a três mil cadetes que partiam para a frente de Wrangel.

A multidão é mantida por cordões de tropa à volta de toda a imensa praça; mas os nossos «propusk» de delegados permitem-nos chegar à tribuna oficial. Trotski chega de automóvel. O general-comandante acaba de o saudar com a sua espada; as tropas formam círculo, e apresentam armas; três músicas tocam a Internacional. Depois Trotski, que está de uniforme de general segundo o seu costume, passa a revista seguido de todo o estado-maior. Sobe em seguida para uma pequena tribuna, e pronuncia, com a sua voz cortante, um discurso oficial semelhante a todos os discursos, que podem pronunciar os ministros diante das tropas.

Depois começa o desfile.

Oficiais à frente, os cadetes marcham a passo de parada; passo singular que consiste em levantar alto as pernas, sem mover os braços. Dir-se-ia, que eram bonecos de madeira. Passando perto de nós, eles voltam a cabeça com um movimento automático. Trotski grita: «Hurrah!» com uma voz de Stentor; os oficiais saudam com a espada; os soldados respondem: «Hurrah» as músicas tocam marchas guerreiras: *Ave Caesar imperator, morituri te salutant!*

O cortejo termina por um esquadrão de cavaleiros Tártaros com uniformes berrantes, e cavalos ricamente ajerezados. Trotski grita ainda: *Hurrah!* Depois dirige ao general comandante as felicitações do uso, aperta a mão aos delegados presentes, e sobe para o seu automóvel, enquanto as músicas tocam a Internacional. E, lá em baixo, a milícia faz circular o povo tiritando sob os farrapos.

Acabo de ler a página que precede. E' uma simples descrição sem literatura e sem filoso-

fia; é uma narração sumária e objectiva. O que lhe poderia eu ajuntar? As reflexões que eu fizesse poderiam ser falsas, mas os factos são verdadeiros. Eu não digo que o leitor, se ele é verdadeiramente humano, encontrará alegria lendo a narração destes factos; mas, confesso, que não senti nada disso ao vê-los.

«E' admirável» dizia Raimundo Lefebvre.

«E' abominável» dizia Lepetit. Escolhei!

Da legalidade da força

A história oficial, tem, na realidade, teorias bem curiosas sobre todos os movimentos populares. Perdoando aos príncipes todos os excessos, todos os abusos—salvo quando os classifica de retrógrados—é, em câmbio, uma esteira de recriminações, de lamentos, quicá de injúrias, com que mimoseia o povo, logo que este cometa a mais pequena violência. E o termo mais docemente empregado nestas ocasiões, é o de «horror»! E os escritores, que de tudo fazem sentimentalismo, ajuntam, num tom lacrimoso que dizem ser no próprio interesse dos oprimidos: as violências comprometem sempre as causas mais justas.

Entendamo-nos: é tempo de acabar com estas perpétuas jermiadas sobre o emprego da força ao serviço do direito.

Todo o mundo admite que um indivíduo injustamente atacado tem o direito de se defender, respondendo à força com a força. Até o Código consagra o direito de legítima defesa. A resistência violenta é autorizada, mesmo nos casos em que o agressor é um funcionário público, um agente da autoridade e que procede, portanto, fora das fórmulas e dos casos previstos na lei, ou, por outras palavras—fora do direito.

O direito reconhecido a todo o indivíduo existe, igualmente, em benefício dum grupo de indivíduos ou duma fracção de povo. No caso em que o direito é violado em seu detrimento, a resistência é legítima. Quem duvida da legalidade da resistência dos republicanos ao golpe de Estado de 2 de Dezembro (golpe de Estado de Napoleão)?

De povo a povo, é ensinado o mesmo princípio. A guerra é reconhecida como legítima quando é, da parte dum povo, o exercício dum direito natural

de defesa contra a agressão injusta dum outro povo.

O que determina a legalidade ou a ilegalidade da força exercida, é a justiça ou a injustiça da causa dos partidários que a empregam. A força, por si própria, não é justa nem injusta: é legal, quando vai defender uma causa justa; ilegal, quando defende uma causa injusta. Apreciaí a causa e apreciaremos o emprego da força que ela necessita para a sua defesa.

Pois bem! Quando se trata de relações do povo com os seus governos, põem-se logo em circulação outras ideias. Não se quer saber porque se emprega a força, mas o fim que o seu emprego tem em vista. Sendo o governo o primeiro que usa da força, declara-se imediatamente que ele tem razão, porque é preciso manter a ordem a todo o preço; mas se é o povo que a utiliza, é logo condenado por isso, visto que toda a desordem é deplorável e merece castigo. Isto diz-se e faz-se nos nossos dias, porque é muito cómodo a todos os governos. Perguntamos:

—E' justo?...

E, então, que deve fazer o povo? Sofrer e resignar-se no meio do maior silêncio? Um procedimento assim, é talvez prudente; mas, se a guerra se responde com a guerra, ao estado de sítio com a insurreição, não estará o povo no caso de legítima defesa, defendendo os seus direitos? O uso da sua força para acabar com esse estado de coisas não será legal?

O direito que o povo tem à insurreição, é a consequência lógica, necessária, do direito de legítima defesa, concedido ao indivíduo. O povo não comete, pois, nenhum «horror» recorrendo à insurreição quando lhe coartam o princípio de liberdade, quando a liberdade que lhe concedem não é inteira. O direito é a liberdade; e, para defender a liberdade, a força é legal.

¿Será, pois, necessário recorrer sempre à força? Isso é uma questão de oportunidade que depende naturalmente da natureza do direito negado, das circunstâncias, do tempo, dos meios, e que não pode resolver-se senão particularmente e segundo os casos. Dum modo geral, o que afirmamos é a legalidade da força posta ao serviço do direito: a força, bem entendido, razoável, calculada, organizada de maneira a produzir o efeito que se deseja—a conquista de direitos.

(Histoire des Proletaires)

YVES GUYOT
E SIGISMOND LACROIX.

Vida Anarquista

União Anarquista Portuguesa

COMITÉ NACIONAL

Mercê da constância dos anarquistas da região portuguesa, nota-se uma fase de grande actividade na organização e propaganda libertária.

As últimas adesões de grupos a esta União foram as seguintes: Grupo «Os sem Deus nem Amos», do Porto; «Os Isolados», da mesma localidade; «Os Intransigentes», de Setúbal; e «O Grupo de Propaganda e Estudos Sociais», de Minas de S. Domingos.

O Comité Nacional está enviando os seus esforços para estabelecer a ligação estreita entre os grupos do Alentejo, para efeito de propaganda, intercâmbio de livros, folhetos e de ideias.

...

Para desenvolvimento das relações internacionais, tem-se estudado várias formas, que vão ser postas em prática, sendo o seu fim estabelecer ligação com todos os organismos anarquistas e revolucionários internacionais, publicando-se depois na *Comuna*, um estudo sobre o movimento dos diferentes países.

Ultimamente estabeleceu-se correspondência com o Comité de Agitação internacional, com sede na Argentina.

...

Estando para breve a realização do Congresso anarquista Internacional, este Comité está elaborando os seus pontos de vista sobre os assuntos a discutir naquela reunião, que serão sujeitos à apreciação dos aderentes.

Qualquer grupo que tenha alguma iniciativa, ou trabalho a apresentar ali, deve comunicá-lo a este Comité, para conhecimento geral dos camaradas.

...

Activamente, empregam-se esforços para organizar um gabinete de leitura e consulta de livros, e especialmente de jornais e revistas de todo o mundo, para o que se estão fazendo assinaturas de alguns desses jornais libertários, artísticos e científicos.

Quando estiver organizado definitivamente, anunciaremos.

Correspondência, imprensa, valores registados, etc., dirigir a J. Pires de Matos, travessa Agua da Flôr, 16, 1.º—Lisbôa (Portugal).

Grupo Anarquista CLARIDADE

Resolveu dar início a uma série de conferências, para o que convidou vários anarquistas.

Recebeu correspondência internacional de grupos e organismos anarquistas e revolucionários, tornando-se correspondente em Portugal de «Le Reveil Liberaire», de Lyon, França.

Correspondência endereçada a David de Carvalho, rua das Olarias, 68, 4.º-D—Lisbôa.

Livros novos

"DITADURA E REVOLUÇÃO"

Este novo livro de Luís Fabbri, constitui uma rigorosa análise à mais importante das doutrinas sociais que a Revolução russa levou à prática: a doutrina que se refere ao papel do Estado na revolução social.

Depois de muitos anos de ruidosa polémica, e depois da odisseia trágica que terminou pela implantação da chamada «ditadura do proletariado», surge, no momento oportuno o livro de Fabbri, a demonstrar, com extraordinário vigor e uma grande preparação histórica, as consequências lógicas da ideologia e dos meios de tática do bolxevismo.

Trata-se, portanto, dum livro largamente meditado—como que o fruto dum trabalho aturado de muitos anos. E até pode afirmar-se—visto que o ciclo evolutivo da Revolução russa terminou momentaneamente com o regresso do capitalismo de Estado—que o livro de Fabbri é alguma coisa mais do que um resumo final da grande polémica que a Revolução russa levantou. E que esse livro contem, além dum juízo global da obra realizada por essa Revolução, uma análise completa da sua grandeza e fracasso à luz da interpretação anárquica da História.

A edição castelhana aparece com uma *Introdução* escrita recentemente pelo autor, com uma Bibliografia completa das obras que se relacionam com os últimos movimentos sociais, e com um *Prólogo especial escrito por Errico Malatesta*, que será, sem dúvida, apreciadíssimo por todos os leitores e camaradas.

Assim, com o decorrer dos anos, este livro está destinado

a adquirir um valor clássico, especialmente pela apreciação à «ditadura do proletariado» — a grande tragédia da Revolução Russa.

O livro contém os seguintes capítulos:

Advertências preliminares. — *Prólogo para a edição espanhola.* — *Carta-prólogo da edição italiana.* — *Introdução.* *Vésperas da Revolução?* — *O problema do Estado.* — *Do socialismo autoritário ao comunismo ditatorial.* — *Ditadura e liberdade na Rússia.* — *A ditadura burguesa da Revolução.* — *Comunismo autoritário e comunismo anarquista.* — *O*

marxismo e a idea da ditadura. — *O que é a ditadura.* — *Os ensinamentos das revoluções.* — *O conceito anarquista da Revolução.* — *Revolução e expropriação.* — *O medo à liberdade.* — *Trabalho e liberdade.* — *A defesa da Revolução.* — *A função do anarquismo na Revolução.* — *Bibliografia.*

Um volume de 448 páginas:

Edição popular... 2 pesos
Edição especial... 2,5 »

Pedidos a M. L. Sobral, *Cassila Correo* 1940. Buenos-Aires (Argentina).

Calendoscópio

Um quadro... capitalista

Quando a França, para roubar à Alemanha tudo aquilo que puder, exhibe o argumento das suas dez províncias devastadas, a Inglaterra, para não ficar atrás, chora-se com o seu milhão e duzentos mil operários sem trabalho. De modo que ainda não sabemos no que virá a dar a tam debatida questão das reparações... E se os trabalhadores não adquirirem mais um pouco de consciência revolucionária, mais dia, menos dia, os Aliados começarão a chapada, por causa da partilha do bôlo!

Os charlatões...

O dr. Pfeiffer diz-nos, num relatório que enviou ao congresso internacional de higiene, que a publicação de anúncios recomendo os remédios dos charlatões para a cura de todas as doenças, «especialmente a sífilis e doenças venéreas», dá, aos cinco grandes diários de Paris, a quantia de 1.800.000 francos anualmente, dos quais, 600.000 vão cair nos cofres do *Matin*.

Se em Portugal se pagassem todos os anúncios dos charlatões, ó que continha calada!... Porque, em Portugal, há charlatões para tudo... até para nos pregarem a ditadura do proletariado!

A telegrafia sem fios

A T. S. F. tem um papel cada vez mais importante, como se vê pelo número de telegramas particulares que já em 1913 foram enviados por esse meio.

Nos Estados Unidos, dotados de 873 aparelhos, foram naquele ano expedidos 215.388 telegramas sem fio. Os 618 aparelhos da G. à-Bretanha transmitiram 50.487, e os 413 da Alemanha, 27.447. A França tinha 246 estações, com 408 aparelhos que enviaram 33.784 radiotelegramas. O Canadá, com 97 aparelhos, expediu 33.841.

A África equatorial francesa tinha só um aparelho, que transmitiu 14 telegramas.

Isto, em 1913. Hoje, quantos telegramas serão enviados por esse meio?

A hulha branca

Svant Arrhenius, director do instituto Nobel, de Estocolmo, e um dos mais reputados físicos dos nossos dias, publicou recentemente na *Revue Scientifique* um estudo de que extraímos algumas passagens muito interessantes.

Arrhenius é de opinião que a «hulha fóssil que existe no mundo», o carvão, durará, quando muito, uns 1.000 anos.

E' verdade que certos países como a Inglaterra, não tem carvão para mais de 100 anos; mas os Estados Unidos podem contar com ele ainda para uns 1.500 anos.

Quanto aos recursos do petróleo, muito menos abundantes, eles serão esgotados no prazo de 60 anos.

A conclusão a que chega o ilustre director do instituto Nobel, é que a humanidade tem de procurar outras fontes de energia, sendo a mais fácil de encontrar, a hulha branca.

E a seguir dá-nos o quadro das forças hidráulicas que cada

país poderia começar a explorar desde já:

Países	Cavalos por habitante
Ásia	0,27
África	11,4
América do Norte	1,17
América do Sul	5,3
Europa	0,13
Austrália	3,75

Exemplificando:

Canadá	4
Estados Unidos	1
Islândia	22
Noruega	5,2
Suécia	1,2
Finlândia	0,8
Países balcânicos	0,6
Suiça	0,4
Austria alemã	0,33
Espanha	0,26
Itália	0,18
França	0,18
Alemanha	0,02
Inglaterra	0,02
Rússia europeia	0,02

Há, também, como fontes de energia a utilizar, a energia do vento, a das marés, etc., e, sobretudo, a da radiação solar.

Mas isso, conclui o professor, deve ser tarefa que os nossos filhos levarão a cabo. Porque hoje os governos preocupam-se com outras coisas que,

em vez de beneficiarem a humanidade, a prejudicam; e as iniciativas individuais são continuamente prejudicadas pela acção dêles.

Razão lógica: só em anarquia se podem aproveitar as inúmeras riquezas que hoje se desperdiçam, porque quem manda são os governos; e os governos constituem o maior mal da humanidade.

Secho alegre

A beata so sacristão:

—Perdi o meu guarda-chuva e fiz uma promessa ao Santo António, pagando-lha adiantadamente, para ele o achar e entregar-mo. E, até hoje, nada.

O sacristão:

—¿ Há quanto tempo fez a promessa?

—Há perto dum ano.

—Oh! c'os diabos! Tenho de dar providências imediatas... E a senhora desculpe. ¿ Quem sabe se a imagem é falsa?...

COMO NÃO SER ANARQUISTA?

Encontra-se à venda na redacção de «A Comuna», este interessante folheto de *Chueca*, edição do grupo «Humanidade Livre».

Preço \$20; pelo correio \$30.

Secção de Livraria de «A COMUNA»

(BIBLIOTÉCA DE «A COMUNA»)

PREÇÁRIO DE LIVROS E FOLHETOS À VENDA

Acções de «A Batalha»	1\$00	J. EBERT—Os I. W. W. na Teoria e na Prática	2\$50
A. GUERRA—O Proletariado Histórico	\$75	J. GUESDE—A Lei dos Salários	\$25
A Las Consciências Honradas	\$20	KRAPOTKINE—A' Mocidade	\$30
B. LUX—O Sindicalismo e os Intelectuais	\$50	Idem—Bastidores das Guerras	\$15
CHUECA—Como não ser Anarquista?	\$20	Idem—A Moral Anarquista	\$30
CONTENT—Contra o confusãoismo	\$15	LANDAUER—A Social D. na Alemanha	\$10
DELLAISI—Os Financieiros, os Políticos e a Guerra	\$20	MALATESTA—Entre camponeses	\$30
E. CHAPPELLIER—Porque não creio em Deus	1\$00	MELLA—O Principio do Fim	\$10
E. SILVA—Teatro Livre e a Arte Social	\$20	NANSEN—A fome na Rússia	\$30
ETIEVANT—A Minha Defeza	\$20	N. VASCO—Concepção Anarquista do Sindicalismo	2\$00
ETTOR—Unionismo Industrial	\$30	RECLUS—A Evolução Legal e a Anarquia	\$30
FAURE—Doze Provas da Inexistência de Deus	\$50	VARIOS AUTORES: A Canalha	1\$00
HAMON—A Crise do Socialismo	\$40	A Maçonaria e o Proletariado (trad.)	\$30
J. C. SOUSA—A Propriedade Privada	\$20	A Novela Vermelha	\$25
		«La Vero» (revista)	\$10

PELO CORREIO:—Para o Continente, Espanha e Ilhas, mais \$10. Para a Africa e Estrangeiro, mais \$40.—Não se atendem pedidos que não venham acompanhados da respectiva importância.

Pedidos: «A COMUNA»

«A BATALHA»

Apartado, 17—Porto

C. do Combro, 38-A-2.º—Lisboa